

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE PSICOLOGIA

CAROLINE PEREIRA FERNANDES

**LUTO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE: A RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ
NO PROCESSO DE LUTO FAMILIAR**

CRICIÚMA

2020

CAROLINE PEREIRA FERNANDES

**LUTO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE: A RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ
NO PROCESSO DE LUTO FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharelado no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Fernanda de Souza Fernandes.

**CRICIÚMA
2020**

**LUTO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE: A RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ
NO PROCESSO DE LUTO FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, avaliado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de Bacharelado no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Fernanda de Souza Fernandes.

Criciúma, 03 de agosto de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Fernanda de Souza Fernandes – Mestre – UNESC – Orientadora

Prof.^a Rosimeri Vieira – Mestre – UNESC – Banca examinadora

Gessé de Oliveira Ávila – Psicólogo Especialista – Banca examinadora

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo que tem feito em minha vida. É por Ele e com Ele que tenho chegado até aqui. Por ter me concedido uma bolsa de estudos, pela força que me deu e tem me dado todos os dias, por ser meu chão quando passei pelo luto familiar do meu irmão e quis fazer o TCC com esse tema.

Aos meu pais e irmão, por torcer e incentivar meus estudos, por respeitarem o tempo que eu dedicava na faculdade.

Ao meu noivo que durante minha jornada acadêmica esteve ao meu lado, mesmo sem palavras, tuas ações me incentivavam a persistir. Fostes compreensivo. Essa conquista também é sua. Te amo.

Aos mestres, que foram responsáveis por todo conhecimento adquirido durante este percurso, gratidão por todos os ensinamentos passados.

A minha querida e amada orientadora Fernanda Fernandes, que também me orientou no estágio social, obrigada por acreditar em minha capacidade e ser empática comigo, as tuas palavras me incentivaram a persistir na pesquisa. Você compreendeu minhas dificuldades e acolheu minhas dúvidas sempre com cuidado, atenção e carinho.

Quero também agradecer a professora Rosimeri Vieira, que é uma grande inspiradora de fé e competência, obrigada por me ensinar a abordagem que tanto amo, terapia cognitiva comportamental, tens muita sabedoria.

Aos amigos de curso, que estiveram mais próximos a mim durante a correria, sendo companheiros e compartilhando conhecimentos, vocês fizeram e ainda fazem a diferença na minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

Não posso deixar de agradecer as pessoas que participaram da pesquisa. Sei que não é fácil conversar sobre assunto tão delicado como o luto, porém, mesmo com as dificuldades vocês superaram o desafio e foram protagonistas desse trabalho. Gratidão!

Por fim, a todo que colaboraram direta ou indiretamente para que o meu sonho se tornasse realidade, muito obrigada.

“[...] Quando a ansiedade já me dominava no íntimo, o teu consolo trouxe alívio para a minha alma[.]”

(Salmos 94:19 – Bíblia Sagrada)

“[...] Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos [...].”

(Hebreus 11:1 – Bíblia Sagrada)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender como a fé, no contexto religiosidade, espiritualidade, contribui no processo de resiliência no luto pela perda de entes queridos. O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi a entrevista semi estruturada. A pesquisa e análise apresentada pretende apresentar a influência da fé no processo de adaptação do processo de luto, identificando os mecanismos de espiritualidade e religiosidade utilizados no trânsito pelas fases do luto.

Palavras Chave: Religiosidade; Espiritualidade; Psicologia do luto.

SUMÁRIO

1 JUSTIFICATIVA	6
2 HIPÓTESE	8
3 OBJETIVOS	9
3.1 OBJETIVO GERAL.....	9
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
4 O QUE É O LUTO?	10
4.1 PROCESSO DE LUTO	Erro! Indicador não definido.
4.2 LUTO FAMILIAR	12
4.3 Fé, religiosidade e espiritualidade como mecanismos na resiliência do luto	Erro! Indicador não definido.
5 Metodologia.....	Erro! Indicador não definido.
5.1 DESENHO DO ESTUDO	Erro! Indicador não definido.
5.2 LOCAL E PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	Erro! Indicador não definido.
5.3 COLETA DE DADOS.....	Erro! Indicador não definido.
5.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	Erro! Indicador não definido.
5.5 ASPECTOS ÉTICOS	Erro! Indicador não definido.
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	Erro! Indicador não definido.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIA	46
APENDICE	48

1 INTRODUÇÃO

A morte é um dos temas que mais atemoriza as pessoas no mundo. Ela não poupa as famílias, nem cores, religião, e muito menos idade. E a questão é de como lidar com esse tema tão emergente, onde a dor da aceitação é disputada com a dor da perda.

Diante das perdas que temos na vida a morte é a que mais mata quem ainda continua vivo. Muitas pessoas permanecem no âmbito do luto por muito tempo. Segundo Bowlby (1982) entende-se que luto é um conjunto de reações a uma perda significativa e quanto maior o apego a pessoa falecida maior o sofrimento do luto.

A maioria das pessoas vive como se a morte estivesse muito distante da sua realidade, que irá acontecer quando estivermos bem velhos e talvez dormindo, porém, nem todos os casos são assim. Existem aqueles que são inesperados e com uma idade que jamais imaginaríamos que morressem. Os sentimentos mais comuns vivenciados durante o processo de luto, por aqueles que sobrevivem à perda, segundo estudos de Worden (2013), são: tristeza, raiva, culpa, solidão, choque e desamparo.

Conforme Barbosa (2006) a resiliência é a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas. O luto familiar, principalmente, é um dos menos resilientes que existem, pois, as pessoas se sentem como se tivessem “rasgados” e/ou “despedaçados”, como se uma parte do seu corpo fosse tirada para nunca mais voltar. Então, nesse momento a forma com que encaramos o luto define a forma que vivemos, assim como para aqueles que engajam a fé nesse assunto tão delicado. Diante desta adversidade, busca-se compreender como a fé alavanca o processo de resiliência no luto familiar e como se dá a fase do enfrentamento do mesmo.

Existem estudos que apontam a importância da espiritualidade, engajando no âmbito da fé, que trazem influência no enfrentamento do luto familiar. Segundo Dessen, Domingues e Queiroz (2015) no artigo Luto e enfrentamento em famílias vitimadas por homicídio, concluíram, que recorrer a espiritualidade através da fé traz conforto, ajuda os familiares a lidar com a morte e favorece a construção de um sentido para sua experiência, também ressaltam que as estratégias de

enfrentamento focalizadas na fé facilitam o confronto com as mudanças e cooperam para a reordenação das prioridades e dos valores dos membros da família.

Em um outro artigo, escrito por Dutra, Preis, Caetano, Santos e Lessa (2018) vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação, compreendem que os familiares buscam ajuda através da fé (no contexto religioso) para amenizar o sofrimento, sendo uma forte aliada no processo de reconstrução da sua vida, encontrando dessa forma alívio.

No estudo Luto, religiosidade e espiritualidade de Labate e Farinasso (2012) concluíram que a religião e a espiritualidade possuem um papel positivo na elaboração do luto, permitindo ao enlutado um redirecionamento frente a dor. A espiritualidade revelou-se como um indicador de resiliência e que a fé funciona como um “combustível” para que a perda do ente querido seja superada. A vivência do luto proporciona uma aproximação com Deus, buscando forças para lidar com a perda e com o sentimento de impotência. Os autores ainda ressaltam que a ciência, em seu histórico, atribuiu um caráter negativo à religião, na maioria das vezes psicopatológico, criando barreiras entre a religiosidade/espiritualidade e seu verdadeiro papel na saúde mental das pessoas, porém, a pesquisa evidenciou que a espiritualidade e a religiosidade, vivida através da fé e a crença em Deus possuem um papel mais positivo na elaboração do luto do que se atribui comumente na literatura.

Portanto, a partir da pesquisa pode-se compreender a importância da espiritualidade (fé) no luto familiar, no contexto religiosidade/espiritualidade, a qual contribui significativamente no processo de resiliência no luto pela perda de entes queridos, sendo um combustível para superação deste processo, onde se encontra força e apoio nas crenças e no divino.

2 HIPÓTESES

A fé, por meio da espiritualidade e religiosidade, contribui no processo de resiliência pela perda dos entes queridos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como a fé, no contexto religiosidade/espiritualidade, contribui no processo de resiliência no luto pela perda de entes queridos

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os mecanismos de espiritualidade e religiosidade utilizados no trânsito pelas fases do luto, negação, revolta, barganha, depressão e aceitação no processo de luto familiar;
- Identificar a influência da fé no processo de adaptação do processo de luto;
- Compreender o significado que a fé tem para as pessoas em processo de luto;

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 O QUE É O LUTO?

Atualmente, a morte ainda é vista como um tabu, onde as pessoas não querem falar sobre elas, tem medo e acham que se falarem podem antecipá-la, frequentemente, não se encontram preparadas para lidar com a finitude humana. Existem as mortes por doenças como também as repentinas, e elas tendem a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, acarretando, prejuízos e alterações, nos funcionamentos emocionais e cognitivos (BASSO e WAINER, 2011).

O luto é caracterizado como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto um fenômeno mental e constante durante o desenvolvimento humano, normalmente é acompanhada pela perda de interesse em relação ao mundo exterior. O luto não fica limitado apenas à morte, mas o enfrentamento das perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano, pode ser vivenciado por meio de perdas da dimensão física e psíquica, como os elos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do indivíduo. Entende-se que diante do rompimento desse vínculo afetivo, o indivíduo pode experimentar sentimentos que extrapolem os limites psíquicos, podendo se manifestar no meio social a que pertence e na qualidade do seu viver (MOORE & FINE, 1990).

Luto é um processo interno que se desencadeia a partir da perda de algo significativo ou alguém amado. Apesar de doloroso, porque inclui a percepção da perda, o luto é um processo que visa representar e acomodar esta perda, portanto, um processo necessário. O luto mobiliza profundamente o sujeito porque rompe laços afetivos construídos sob o apego. A retirada da figura de apego afeta estruturas psicológicas, podendo abalar a segurança no sujeito enlutado e demais aspectos psíquicos (BOWLBY,1997).

Segundo Freud, (1917, cit. por Hagman, 1996), no seu livro “Mourning and Melancholia”, defende que quando se perde um significativo, a energia libidinal da pessoa é dominada por pensamentos e memórias acerca do objeto perdido. O sobrevivente não consegue desenvolver novos relacionamentos até que este laço se quebre, permitindo que a energia libidinal seja transferida para um novo objeto. Esta transferência da libido é motivada por um impulso para reduzir a ativação emocional e fisiológica associada à perda. Para Freud, o sobrevivente torna-se hostil e

deprimido quando essa energia não é transferida facilmente. São identificados alguns sintomas semelhantes à melancolia, como dor profunda, falta de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar e inibição geral da atividade. Quando o processo de luto está completo, o ego está livre e pronto para investir noutra relação.

Deutsch (1937, cit. por Hagman, 1996) defende que a ausência de luto pode ser indicador de uma psicopatologia. Logo, o processo de luto como reação à perda da pessoa amada deve ser levado até ao fim. Enquanto a libido ou a vinculação inicial persistir, a dor continua a aumentar e viceversa. A relação de vinculação permanecerá enquanto o processo efetivo de luto não for concluído.

Existem dois tipos de luto, o patológico e o normal. O luto patológico pode ser definido como a intensificação do luto a um nível em que a pessoa se encontra destroçada, originando um comportamento não adaptativo face à perda, permanecendo interminavelmente numa única fase, impedindo a sua progressão com vista à finalização do processo de luto e já o luto considerado dentro dos parâmetros da normalidade está relacionado ao fato da pessoa enlutada conseguir ultrapassar o processo de luto através da realização de diversas tarefas e fases (HOROWITZ, 1980, citado por WORDEN, 1983).

Existem vários tipos de mortes e o processo de luto decorrente delas: morte de figuras parentais, suicídio, separações entre outros. A perda e a sua elaboração são elementos contínuos no processo de desenvolvimento humano. A morte como perda, trata-se de um vínculo que se rompe, quanto maior este envolvimento, maior a energia necessária para desligamento (KÓVACKS, 2002).

O suicídio é uma das mortes mais difíceis de elaborar, pela forte culpa que desperta na pessoa enlutada, ativa a sensação de abandono e impotência, pois além de lidar com a sua própria culpa acaba sendo suspeita da sociedade como sendo um dos responsáveis pela morte do indivíduo. O suicídio é um ato de surpresa para os familiares, um ato de choque, pois mesmo sabendo que o ente querido apresentava ideias suicidas, não esperavam que o óbito fosse concretizado. O desespero toma conta desse momento trágico (KÓVACKS, 2002)

4.1.2 Processos de luto

A definição de “Processo de Luto” é bastante complexa na medida em que cada pessoa o vivencia de forma diferente, mediante as culturas, o meio em que está inserida e o próprio contexto da perda também influencia a forma como a pessoa vai encarar o luto. O luto não se trata somente de um estado pessoal de intensa angústia, mas, também, uma grande variedade de perturbações psicológicas e somáticas, dependendo da intensidade das fases do luto que a pessoa está. O luto reflete a frustração de uma necessidade básica de vinculação, que foi interrompida através do falecimento do ente querido. O luto vem acompanhado pela perda de interesse em relação ao mundo exterior, tristezas, angústias, aflições, e diminuição da capacidade de investir em novos relacionamentos (RAMOS, 2016).

A morte pode desencadear ou gerar uma sensação de fragilidade, de impotência, de frustração, não só para quem está morrendo, mas também para os familiares, amigos, etc. É um momento difícil e delicado de ser enfrentado pois trata-se de um rompimento de vínculo afetivo e as pessoas não estão preparadas para perder, por isso que um acompanhamento psicológico é extremamente importante (BASSO e WAINER, 2011).

Dentre esses fatores, é importante levar em consideração a forma com que a morte ocorre, pois influenciam diretamente no enlutado, tanto na intensidade como na duração dos sintomas. Quando ocorre uma perda devido a alguma doença degenerativa e esperada, as pessoas possuem um tempo maior para elaborar o luto, e nessa fase ocorre o luto antecipatório, porém, quando ocorre a perda repentina o processo de elaboração do luto se torna mais complexo e ficam tentando encontrar o porquê dessa morte, um entendimento racional, qualquer argumento que possa aliviar a sua dor, ansiedade e confusão do enlutado (BASSO e WAINER, 2011).

De acordo com Kübler (2005) ocorrem cinco estágios no processo de luto. No primeiro estágio, quando inicia-se tudo, a negação e o isolamento, uma recusa a confrontar-se com a situação, a inconformação e citam frases como: “não acredito que eu não vou mais te ver”, ou, “eu não aceito perder você”.

O segundo estágio refere-se a raiva, é o momento em que as pessoas colocam para fora a revolta interior que estão sentindo, seus pensamentos. Neste caso, tornam-se por vezes agressivos. Ficam desesperados pela busca de achar o culpado e também citam frases como: “Por que ele? ”, “por que o médico não

descobriu a tempo? ”, “onde estava Deus quando isso aconteceu? ”, reagem esses atos com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda (KÜBLER, 2005).

O terceiro estágio denomina-se como barganha (e/ou negociação) , é uma tentativa, de negociar ou adiar os temores diante da situação, criando um cenário como se o ente querido ainda tivesse presente. Acontece nessa fase também os pensamentos de como faria diferente se a pessoa ainda tivesse viva, ou as possibilidades que teria de evitar a morte naquele momento (KÜBLER, 2005).

Seguindo as etapas do processo de luto chegamos no quarto estágio, a fase da depressão. Nessa fase acontece o distanciamento das pessoas, a solidão é mais constante, pode ocorrer alterações no sono e apetite, é uma fase mais profunda do luto, é quando as pessoas ficam quietas, repensando e processando o que a vida fez com elas e o que elas fizeram da vida delas, é a frase do senso comum “está caindo a ficha” (KÜBLER, 2005).

Para finalizar, o último estágio é o de aceitação. Nesta fase as pessoas encontram-se mais serenas frente ao fato da morte e conseguem pensar mais no futuro, no enfrentamento sem o ente querido. Não significa ser o momento feliz, ainda estão presentes a tristeza, saudades, dor, porém com outra perspectiva. Por isso que se uma pessoa ficar presa em um desses cinco estágios por muito tempo mais difícil será a aceitação e o processo de resiliência do luto (KÜBLER, 2005).

Conforme Worden (2013)

Existem quatro objetivos essenciais que facilitam o processo de luto; sendo eles: 1. Aceitar a realidade da perda: quando alguém morre, ainda que seja uma morte esperada, há sempre um sentimento de que aquilo não aconteceu. Dessa forma, a primeira tarefa está em aperceber-se da realidade de que a pessoa morreu e não irá mais voltar; 2. Trabalhar a dor advinda da perda: algumas pessoas experimentam, além da dor emocional, a dor física e comportamental; 3. Ajustar a um ambiente em que o falecido está ausente: isso possui diferentes significados e difere de pessoa para pessoa. No entanto, essa tarefa se remete ao acostumar-se com a falta da pessoa, compreender que aquele lugar não será mais frequentado por ela; 4. Transferir emocionalmente o falecido e prosseguir com a vida: os laços, as memórias, os sentimentos para com a pessoa que partiu jamais são esquecidos ou substituídos.

Segundo Ramos (2016) a primeira tarefa (aceitar a realidade da perda) envolve a aceitação intelectual e emocional da perda. Existe uma sensação de irrealidade e descrença que ocorre após a maior parte das perdas (mais intensa quando a perda é repentina) e pode ocorrer um comportamento de procura que

exemplifica a necessidade de encontrar a pessoa perdida, assim como de validação para si próprio do facto de a pessoa ter desaparecido. O oposto da aceitação da realidade da perda é o não acreditar, através de qualquer tipo de negação/recusa, que a perda ocorreu. Algumas pessoas recusam-se a acreditar que a morte é real e ficam-se pela primeira tarefa. Esta negação pode ser praticada em diferentes níveis e ter diferentes formas, mas na maior parte das vezes envolve os fatos, o significado ou a irreversibilidade da perda. Outra forma de as pessoas se protegerem da realidade é negando o significado da perda. Esta primeira tarefa pode ser facilitada ao encorajarmos a pessoa a falar gradualmente acerca da perda e das circunstâncias da mesma.

A realização da segunda tarefa (experienciar e processar a dor) implica o processamento da dor e, se tal não acontecer, o luto pode vir a manifestar-se sob a forma de um sintoma somático ou reaparecer após uma perda subsequente sob a forma de reação de luto retardado. Nem todas as perdas evocam o mesmo tipo de resposta emocional mas podem manifestar-se sentimentos como tristeza, raiva, culpa, ansiedade e solidão persistente. É importante ajudar o indivíduo que atravessa o processo de luto a viver a dor em quantidades moderadas e de forma controlada para evitar uma sobrecarga emocional (RAMOS, 2016).

Conforme Ramos (2016) a terceira tarefa (adaptação ao ambiente) diz respeito à tomada de consciência progressiva das perdas assim como as adaptações às mesmas, exigindo tempo. A adaptação a um novo meio tem diferentes significados para diferentes pessoas, dependendo da relação que existia com a pessoa perdida e os diferentes papéis que esta desempenhava. Muitas vezes, esta tarefa não é fácil de ultrapassar e muitas pessoas trabalham contra elas próprias, promovendo o seu próprio desamparo, não desenvolvendo as competências necessárias para lidar com a situação. No entanto, a maior parte delas, não segue este percurso, pelo contrário, decidem que têm de desempenhar papéis que antes não costumavam ter e desenvolvem novas competências para lidar com a perda. Segundo Bowlby (1980, cit. por Worden, 1983), existe uma redefinição de circunstâncias, de modelos de representação e de objetivos.

A última tarefa (reinvestir noutras relações) é o passo para que o enlutado possa investir em novos relacionamentos, permitindo ajudar a pessoa que atravessa o processo de luto a continuar a sua vida após a perda. Para muitas pessoas esta é a tarefa mais difícil de ultrapassar uma vez que, i encaram a perda como algo muito

doloroso. A pessoa perdida nunca está fora da vida do indivíduo mas necessita de ser colocado num lugar onde possa ser recordado, ao mesmo tempo que deixa espaço para o sobrevivente prosseguir com a sua vida e estabelecer outras relações (RAMOS, 2016).

Segundo Bowlby (1998) há cinco condições que influenciam o processo de luto:

- 1 – Identidade e papel da pessoa perdida: Muitas relações podem ser vistas como próximas e/ou de dependência. Quanto mais o enlutado dependeu da pessoa perdida para a obtenção desses mesmos bens, inclusivamente relações sociais amplas, maior é o dano que a perda causa à sua vida, implicando um maior esforço na reorganização da mesma.

- 2 – Idade e o sexo da pessoa enlutada: Assim como existem dificuldades em diferenciar os vários tipos de perda, torna-se difícil, também, diferenciar os tipos de perda por idade e sexo. A maioria dos psicanalistas acredita que a incidência maior seja para as perdas sofridas na adolescência, no entanto, os poucos dados existentes referem-se a perdas sofridas na vida adulta, como a de um esposo/companheiro. Em relação ao fator sexo, parece que são as mulheres que reagem mais à perda através de um luto patológico. No entanto, uma vez que a incidência da perda do cônjuge não é a mesma para os dois sexos não podemos ter a certeza de que as mulheres sejam mais vulneráveis.

- 3 – Causas e circunstâncias da perda: As causas de uma perda e as circunstâncias em que ela ocorre variam bastante. A perda pode ser súbita ou de alguma forma, previsível e, parece ser a perda de forma súbita a que causa um choque inicial muito maior. Bowlby (1998) identifica, ainda, outras circunstâncias ligadas à morte que, de certa forma, tornam o luto mais ou menos difícil. São elas, a saber: (1) se o tipo de morte exige um longo período de assistência por parte do enlutado; (2) se o tipo de morte resulta na deformação ou mutilação do corpo; (3) como a informação sobre a morte chega ao enlutado; (4) qual a relação entre as duas partes durante as semanas e dias imediatamente anteriores à morte e (5) a quem, se for o caso, a responsabilidade pela morte pode ser atribuída.

- 4 – Circunstâncias sociais e psicológicas que afetam a pessoa enlutada, na época da perda e depois desta: Sabe-se que existem determinadas circunstâncias sociais e psicológicas que influenciam o processo de luto e que, muitas delas, são mais fáceis de modificar do que outras. Neste sentido, as variáveis

que parecem influenciar o curso deste processo são: (1) disposições residenciais (se a pessoa enlutada vive com outros parentes adultos ou sozinha; se ela é responsável por crianças ou adolescentes); (2) condições e oportunidades socio-económicas (se as circunstâncias económicas e as disposições da habitação tornam a vida mais ou menos fácil; se há ou não oportunidades que facilitem a organização de um novo modo de vida social e económica) e (3) crenças e práticas que facilitam e impedem o luto dito normal (se crenças e práticas culturalmente determinadas facilitam ou impedem o luto normal; se parentes, amigos e outros significativos facilitam ou impedem o luto normal).

- 5 – Personalidade do enlutado, com especial referência à sua capacidade de estabelecer relações amorosas e de reagir a situações stressantes: Esta condição parece ser a que exerce mais influência na forma como cada sujeito vivencia o processo de luto. A personalidade da pessoa enlutada, particularmente a forma como organiza o seu comportamento de vinculação e os modos de reação que adota em situações difíceis, influencia, decisivamente, a intensidade e a duração do processo de luto, assim como a forma que este assume, seja num sentido dito normal ou num patológico.

4.1.3 Luto familiar

Ampliando o contexto de luto, pode-se citar a perda familiar. A perda de alguém significativa na família influencia na estruturação emocional e física dela, uma vez que o contexto familiar é modificado e os seus membros precisarão passar por esse processo. Um funcionamento familiar saudável, onde a comunicação e a expressão de sentimentos prevalecem, bem como a coesão entre os membros familiares, pode contribuir para um processo de ajustamento adaptativo à situação de perda, porém cada família reage de uma forma, dependendo do grau de representatividade que a perda teve para cada um (RAMOS, 2016).

De todas as experiências de vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família, como sistema, e para cada um dos seus membros, individualmente. A morte de um membro da família rompe o equilíbrio familiar e vem a necessidade de surgirem novos mecanismos para estabilizar a organização da mesma. A adaptação exige mudanças nas definições da identidade e dos objetivos da família e uma reorganização imediata e a longo prazo (SHAPIRO, 1994)

Segundo Wlash & McGoldrick (1995) quando as famílias não conseguem dominar os desafios colocados pela morte, os efeitos podem ser prejudiciais, em termos de bem-estar pessoal e da capacidade de experimentar plenamente a vida e o amor.

4.1.4 Fé, religiosidade e espiritualidade como mecanismos de resiliência no luto

Segundo Mautoni e Almeida (2015) a resiliência é a capacidade para se recuperar das adversidades, superar traumas e sofrimentos e conseguir dar um novo sentido para a vida, apesar da dor. Leva-se em consideração que cada pessoa tem um enfrentamento diferente sobre as situações. A resiliência traz em seus aspectos a capacidade de reencontrar novos motivos para viver, se readaptar à vida, mesmo tendo passado por nível altíssimo de sofrimento.

A resiliência como um processo dinâmico, transcende o superar a adversidade, pois passa a existir o processo constante de reconstrução que é colocado em marcha, depois do evento traumático. É um processo determinado pela construção de si mesmo ao longo da vida, reconhecendo que existem fatores externos e internos que permitem a potencialização das capacidades. O que permite ao indivíduo ser ou se tornar resiliente é, portanto, a construção de si mesmo na relação com os que estão ao seu redor, possibilitando perspectivas positivas sobre si mesmo e sobre a realidade. Viver situações difíceis faz parte do fato de estar nesse mundo e crescer implica resolver situações de conflito e de crise durante a existência. (ARAÚJO; MELLO; RIOS, 2011, p. 11).

À resiliência implica ressignificar o evento adverso que causou o desequilíbrio, considerando-o como uma possibilidade de desenvolvimento e individuação e como uma oportunidade de fortalecer o vínculo com a vida. Posturas vitimizadas podem ser substituídas por posturas otimistas em relação ao futuro. A fé ajuda a ressignificar a adversidade dentro de uma perspectiva positiva de transcendência e espiritualidade. Ser resiliente é entender que a sua história teve um rumo diferente mas com superação, criando um novo sentido para vida. Por este motivo, a espiritualidade tem grande influência no processo de resiliência. Ter fé é acreditar em algo além do humano, a fé amplia o horizonte do sujeito que sofre, fazendo com que ele consiga pensar e planejar a sua vida tendo como parâmetros situações que vão além de seu entendimento, a fé conforta o interior da pessoa, e

que muitas vezes em um processo de luto o enlutado encara a vida com outro aspecto. Através da fé, o sujeito consegue criar um sentido e significado para a vida, que lhe dará um impulso para a continuidade da vida após uma profunda tristeza (MAUTONI e ALMEIDA, 2015).

A experiência de perder alguém querido parece ser uma grande mola propulsora para a busca da espiritualidade. O sofrimento faz com que as pessoas busquem algo a mais para se confortar, é preciso se agarrar a algo maior e mais poderoso para conseguir reunir forças para continuar vivendo. Durante o momento da perda e também no processo do luto, acredita-se que o apoio espiritual é bastante positivo no tocante a amparar os enlutados, fazendo com que se sintam capazes de ressignificar a vida após grande sofrimento. Um espaço onde o enlutado possa demonstrar sua dor e receber apoio espiritual, palavras de encorajamento é de grande valia no decorrer deste processo. A fé vive dentro e amplia a visão (MAUTONI e ALMEIDA, 2015, p.162).

As crises oferecem perigo e oportunidade: perigo porque a pessoa pode sucumbir ou desistir de lutar e oportunidade porque pode aprender a ver sentido no sofrimento. Ter um novo olhar é de extrema importância em situações que tragam frustrações, tristezas e entre outros sintomas. A espiritualidade, a fé e a religiosidade tem sido reconhecidas como fatores de saúde mental justamente porque ajudam a pessoa a transcender, a enxergar além da adversidade (LARROSA, 2007).

A fé é a adoção de uma atitude que se estrutura a partir de uma vontade inicial de crer, de acreditar no outro, de acreditar em Deus. Destaca-se que a experiência de fé lança uma nova luz sobre várias questões da vida das quais podemos destacar a dor, a frustração, o amor, a interação humana e a morte (GIOVANETTI, 2015).

A fé se refere aquilo que efetivamente anima a vida de uma pessoa ou lhe dá um sentido, e a ideologia aquilo que a orienta na prática em suas decisões sociais e representa como uma estratégia para realizar aquele sentido (AMATUZZI, 2003).

A fé pronuncia a respeito dos significados que tem a vida, o sentido dela, o porquê de muitas coisas, o significado e o sentido do mundo. É o que nos dá energia para agir (GIOVANETTI, 2015).

Conforme Benites (2017) os termos religião, religiosidade e espiritualidade apresentam características e significados diferentes. A religião/religiosidade envolve um conjunto de crenças, linguagem e práticas com seus símbolos, rituais, cerimônias e explicações próprias acerca da vida e da morte.

Já a espiritualidade é universal e não se restringe a uma religião propriamente dita, cultura ou determinado grupo de pessoas, mas envolve valores pessoais e íntimos, constituindo-se naquilo que dá sentido à vida e que promove o crescimento pessoal e a reflexão acerca das experiências vividas. Para Kovács (2007), a espiritualidade possibilita a contemplação e a reflexão das experiências existenciais, além de nortear a busca do sentido da vida.

Conforme Veras (2017) a religiosidade vem sendo destacada como uma das formas mais utilizadas pela população para expressar e elaborar a integração das dimensões racional, emocional, sensitiva e intuitiva. Diante de momentos de doença ou perda do ente querido é notável o apelo à religião por parte dos familiares, através de promessas e orações que servem como fonte de esperança na sobrevivência do doente e como forma de suportar a situação. Para Boff (2006), através da esperança se atribui um significado à existência, a esperança é a busca pelo sentido da vida, mesmo diante da morte.

Religião pode ser definida como um sistema de crenças e práticas observados por uma comunidade, apoiado por rituais que reconhecem, comunicam-se com, ou aproximam-se do Sagrado, do Divino, de Deus. A religião normalmente se baseia em um conjunto de escrituras ou ensinamentos que descrevem o significado e o propósito do mundo, o lugar do indivíduo nele, as responsabilidades dos indivíduos uns com os outros e a natureza da vida após a morte (KOENIG, 2012. p11).

Viver a espiritualidade é a forma apaixonada de sentir o tempo é ser capaz de ver Deus, o mistério último, em toda parte. A espiritualidade permite uma visão mais ampla, mais aberta das coisas é a sutileza do transcendente (MAZZAROLLO; TEIXEIRA, 2011).

Assim, se evidencia o conceito de espiritualidade como a experiência do contato com a dimensão que vai além das realidades normais da vida humana. Esta, então, seria a arte e o saber de tornar o viver orientado e impregnado pela vivência da transcendência, onde o entendimento de transcendência é difundido por muitas tradições religiosas, filosóficas e muitas vezes confundido com algo fora da realidade concreta. Algo divino, tremendo, fora do mundo material (BOFF, 2001).

A espiritualidade, em sua abordagem, a partir da perspectiva da fé religiosa. O debate do tema, geralmente encontra dificuldades no meio acadêmico, pela forma apaixonada com que muitas vezes é tratado. O termo espiritualidade vem do latim spiritus ou spirituali, significa sopro, respiração, ar ou vento, e nela se reflete

a busca de significados, de conceitos que transcendem o visível, num sentido de conexão com algo maior que si próprio (GUIMARÃES; AVEZUM, 2007).

Para Vaillant (2010) a espiritualidade é como o amálgama de emoções positivas que nos une aos outros seres humanos e à nossa experiência com o divino, como quer que o concebamos, ela tem uma profunda base psicobiológica, uma realidade arraigada nas emoções humanas positivas. Amor, esperança, alegria, perdão, compaixão, fé, reverência e gratidão, são as emoções positivas espiritualmente importantes.

Espiritualidade e religião se complementam, mas não se confundem – há um grau hierárquico que distingue os termos. A espiritualidade é uma vivência nata do homem, enquanto a religião é uma instituição humana (SILVA, 2014).

5 METODOLOGIA

5.1 DESENHO DO ESTUDO

A pesquisa constituiu sobre Luto, religiosidade e espiritualidade: a resiliência através da fé no processo de luto familiar.

Para essa pesquisa, optou-se pela entrevista qualitativa, semiestruturada. Em relação à abordagem qualitativa, conforme Minayo (2001, p. 21)

Preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O objetivo da pesquisa não foi contabilizar quantidade como resultado, portanto trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que buscou compreender a intervenção que a fé traz no processo de resiliência no luto familiar.

5.2 LOCAL E PARTICIPANTES DO ESTUDO

5.2.1 Local

A entrevista, inicialmente seria realizada na residência dos participantes, porém no dia 18 de março de 2020, foi decretado pelo governo do Estado de Santa Catarina, o isolamento social por conta da Pandemia do novo Coronavírus – COVID19. Diante disto fez-se necessário adaptar a forma de aplicação da entrevista, que passou a ser realizada de forma virtual, através da ferramenta Whatsapp (chamada de vídeo).

Foi realizada uma entrevista por dia, com duração de 40 minutos cada. Inicialmente foi mandada uma mensagem pelo aplicativo Whatsapp, se a participante gostaria de participar da pesquisa. Também foi perguntado ao participante se poderia gravar a entrevista para posteriormente transcrevê-la.

Os participantes da pesquisa são cristãos e vivenciaram o processo de luto há mais de 1 ano. Foi realizada a pesquisa com 5 participantes nas quais como

critérios de inclusão estavam: pessoas que vivenciaram o processo de luto há mais de um ano e com faixa etária acima de 21 a 60 anos de idade.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

5.3.1 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada desta pesquisa foi efetuada por um roteiro (apêndice A). A primeira parte contém perguntas predominantemente fechadas, relacionadas ao perfil da participante. Posteriormente, na segunda parte, perguntas abertas que visam alcançar respostas para os objetivos específicos propostos.

Manzini (1991, p. 154) compreende que:

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativa.

Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

Conforme Manzini (1990, p. 154)

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

As entrevistas ocorrerão online e com o aceite do participante.

5.3.2 Coleta de Dados

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), as entrevistas foram iniciadas.

Assim que o primeiro contato foi feito com o participante e o seu devido aceite, foram feitas as entrevistas de maneira online devido a pandemia, por vídeo chamada.

Foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta no apêndice B desse Projeto, o qual contém informações sobre a pesquisa e direitos das participantes. Conforme o consentimento e assinatura do participante, foi efetuada a entrevista.

A análise dos dados se deu a partir dos conteúdos levantados nas entrevistas, onde os itens coletados no encontro, foram associados com os objetivos específicos e analisados de acordo com fontes bibliográficas. Escolhido o instrumento, a pesquisa seguiu os seguintes passos:

1º Momento: Elaboração do projeto de pesquisa.

2º Momento: Solicitação de autorização para a realização da pesquisa junto as técnicas de referências da comunidade terapêutica.

3º Momento: Submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, para avaliação e parecer.

4º Momento: Apresentação da pesquisa com aprovação do comitê de ética e seus respectivos objetivos.

5º Momento: Aplicação da entrevista semiestruturada para coleta de dados com os participantes

6º Momento: Organização e análise dos dados obtidos.

7º Momento: Elaboração da pesquisa.

8º Momento: Apresentação da pesquisa à banca examinadora.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento utilizado para analisar os dados obtidos foi efetivado conforme escreve Santos (2012) a análise de conteúdo é uma leitura profunda, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico e objetiva a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores.

Bardin (2011) cita que o termo análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Conforme Bardin (2011) a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se declara. Indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (interpretação).

Na transcrição de áudio a pesquisadora organizou o material resultante da aplicação da entrevista semiestruturada, iniciando com escuta atenciosa a cada resposta, destacando os fragmentos mais importantes e fazendo a exploração de materiais da pesquisa para análise dos resultados levantados. No momento da transcrição de áudio foi estruturado o material seguindo a ordem das perguntas. Na terceira e última fase, ocorreu a análise dos dados explorados, buscando referencial teórico para o embasamento da pesquisa.

5.5 ASPECTOS ÉTICOS

Foram respeitadas, para realização desta pesquisa, todas as diretrizes legislativas vigentes relacionadas aos aspectos éticos necessários em pesquisas que envolvam seres humanos, conforme o Conselho Nacional de Saúde.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), as pessoas que aceitarem participar concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta no apêndice B, composto por duas vias, sobre as quais, uma ficou com a pesquisadora e a outra será fornecida ao participante.

O anonimato dos participantes foi garantido por meio de um código alfanumérico composto pela letra P, seguida de um número cardinal que expressa a numeração da entrevista e na rede associativa. Por exemplo: P1, P2, P3, etc.

Esta pesquisa não possui riscos físicos, todavia, o processo de coleta de dados, mediante à entrevista semiestruturada, poderá ocasionar riscos, relacionados a emoções que possam emergir no tocante a lembranças de situações vivenciadas pela participante. Desse modo, caso o participante se sinta desconfortável, será prestado acolhimento e ofertada a possibilidade de desistir da entrevista.

Os benefícios desta pesquisa destinam-se a colaborar para que melhor se compreenda, a influência e ajuda da fé no processo de resiliência do luto familiar. Posteriormente ao cumprimento da pesquisa, será realizada a devolutiva dos dados às participantes do estudo.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Entrevistadas(as)	Idade	Escolaridade	Religião	Estado Civil
P1	50	Ensino Médio completo	Cristã	Casada
P2	37	Ensino Médio Incompleto	Cristão	Casado
P3	33	Superior incompleto	Cristã	Casada
P4	46	Ensino médio completo	Cristã	Divorciada
P5	37	Ensino Médio completo	Cristã	Casada

Nomes: Visando preservar a identidade das participantes, optou-se utilizar a nomenclatura de P1... De acordo com a sequência da entrevista, dessa forma, pode-se atender aos aspectos éticos.

Idade: A média de idade dos participantes é de 40 anos, sendo que o participante mais jovem afirmou ter 33 anos e a mais velha 50.

Escolaridade: Em se tratando do grau de escolaridade, três participantes afirmam ter ensino médio completo, um participante ensino médio incompleto, e uma participante ensino superior incompleto.

Estado civil: Dentre a respostas sobre os dados de identificação dos participantes, uma apresentou estado civil como divorciada, o restante casados.

6.2 RESULTADOS

Por meio da análise das respostas dos participantes, foi possível destacar as três categorias a seguir: perda de familiares, processo de luto, fé e espiritualidade como mecanismo de resiliência.

Na primeira categoria, pode-se evidenciar a principal perda para os entrevistados é a familiar. Na segunda categoria é evidenciado o processo de luto e suas fases, e na terceira categoria identifica-se que a fé e a espiritualidade são mecanismos significantes no processo de resiliência no luto familiar.

6.2.1 Perda de familiares

Diante dos resultados analisados após a entrevista em relação a primeira categoria, pode-se observar assim como também discutir que para esses entrevistados as percas mais marcantes são dos seus familiares.

“Meu irmão” (P1)

“Minha mãe” (P2)

“Meu pai” (P3)

“Meu filho” (P4)

“Meu marido” (P5)

A perda de alguém significativo na família influencia na estruturação emocional e física dela, uma vez que o contexto familiar é modificado e os seus membros precisarão passar por esse processo. Um funcionamento familiar saudável, onde a comunicação e a expressão de sentimentos prevalecem, bem como a coesão entre os membros familiares, pode contribuir para um processo de ajustamento adaptativo à situação de perda, porém cada família reage de uma forma, dependendo do grau de representatividade que a perda teve para cada um (RAMOS, 2016).

De todas as experiências de vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família, como sistema, e para cada um dos seus membros, individualmente. A morte de um membro da família rompe o equilíbrio familiar e vem a necessidade de surgirem novos mecanismos para estabilizar a organização da mesma. A adaptação exige mudanças nas definições da identidade e dos objetivos da família e uma reorganização imediata e a longo prazo (SHAPIRO, 1994).

Segundo Wlash & McGoldrick (1995) quando as famílias não conseguem dominar os desafios colocados pela morte, os efeitos podem ser prejudiciais, em termos de bem-estar pessoal e da capacidade de experimentar plenamente a vida e o amor.

6.2.2 Processo de luto

Nesta categoria, para as entrevistados foi um processo difícil e doloroso. Como a pessoa se vê no luto é um processo muito importante, diz respeito a representatividade dela em meio as luto de como ela está se sentindo. Conforme as respostas dos entrevistados podemos observar alguns pontos em comum nas fases do processo de luto. Primeiramente, a definição de “Processo de Luto” é bastante complexa na medida em que cada pessoa o vivencia de forma diferente, mediante as culturas, o meio em que está inserida e o próprio contexto da perda também influencia a forma como a pessoa vai encarar o luto.

Luto é um processo interno que se desencadeia a partir da perda de algo significativo ou alguém amado. Apesar de doloroso, o luto é um processo que visa representar e acomodar esta perda, portanto, um processo necessário. O luto

mobiliza profundamente o sujeito porque rompe laços afetivos construídos sob o apego (BOWLBY, 1997).

Embasando na teoria as respostas dos entrevistados, os sentimentos mais comuns vivenciados durante o processo de luto, segundo estudos de Worden (2013), são: tristeza, raiva, culpa, solidão, choque e desamparo.

A P1, sua reação mais recorrente foi o choro, a culpa e a cobrança, ela se via como em uma noite longa, em meio a escuridão:

“ A notícia foi uma surpresa, pois ele não estava doente, ele era saudável. Na noite anterior do falecimento tive um sonho com ele, como se ele estivesse em um abismo, acordei angustiada. No outro dia recebi a ligação do meu pai, e contou que meu irmão havia sido assassinado pelas costas, e logo que desliguei a ligação estava na hora de eu subir no altar pra louvar, fiz o louvor, mesmo chorando. A minha maior dor foi que eu não pude participar do sepultamento, pois estava no Oeste, não ia dar tempo. A situação que ele ficou, teve que ser sepultado as pressas. Foi a parte mais triste, fiquei dias chorando, me senti culpada, como se eu poderia ter feito algo mais, pois eu havia sonhado, comecei a me cobrar por que não avisei ele do sonho, me perguntava também por que eu estava longe e não perto. Demorei pra entender que eu estava levando uma carga que não era minha, por esse sentimento de culpa. Ele é meu irmão caçula, acabei sendo a mãe dele por muito tempo, por ter perdido minha mãe. Eramos muito unido. Foi difícil superar essa cobrança. Em alguns momentos me senti desamparada e até questioneei por que teve que ser dessa forma. Durante 3 anos não havia enterrado meu irmão verdadeiramente, essa dor corroia dentro de mim, ainda não havia entregado para Deus. Hoje me lembro do versículo “ o choro pode durar uma noite mas a alegria vem pela manhã”. Essa noite durou 3 anos. Chorei bastante, pois também sou humana, não engoli o choro em nenhum momento. Teve um dia que orei com muita fé e entreguei essa dor pra Deus. A fé me ajudou a enxergar o que antes eu não enxergava. Enquanto eu estava com aquela dor imensa e não entregava pra Deus parecia que estava sempre chovendo, que o dia não raiava, mas o dia chegou, hoje o que eu tenho é saudades mas não dói como antes. Não esqueci dele só que agora me lembro diferente.”

A P2 o questionamento que poderia ter feito mais, se via como um pássaro preso em meio a gaiola, relutando em suas falas sobre a perda da mãe:

“Eu recebi a notícia por telefone, de outro estado, levei um grande susto, pois sou uma pessoa muito familiar. Então me contaram que ela foi assassinada pelo namorado. Me senti muito mal, pensando que eu poderia ter dito mais que eu a amava. Demorou bastante até eu aceitar a perda. Lembro que um dia eu estava orando e pedi pra Deus tirar essa dor forte no meu peito, um vazio que não podia ser preenchido pela perda da minha mãe. Fui tão sincera com Deus onde falei: Ou você tira essa dor ou me leva dessa terra. Nesse tempo as pessoas que estavam ao meu redor começaram a me abraçar tão forte que senti um alívio muito forte. “

A P3 relata muitos momentos de solidão e choro, como se tivesse em um túnel.

“ Eu entendo o luto como um fato, mas que se recompõe. Foi uma chegada bem indesejada, fria e calculista. Encontrei meu pai enforcado com a cinta no banheiro. Foi com ajuda de Deus e da minha família para aguentar essa situação. Sofri bastante em pensar que muitas vezes eu poderia estar mais próximo, muitos sentimentos vieram me bombardeando, chorei em muitos momentos, fiquei bem triste mas tenho pessoas ao meu redor, minha família que precisa de mim. Tive meu momento de solidão, onde pude mostrar meu lado humano, um processo onde estou reconstruindo. “

A P4 choro e pensamentos que poderia ter feito muita coisa diferente, procurou culpados, se via como se estivesse suspensa no ar, sem ter onde apoiar.

“ Ele morava com o Pai em Florianópolis, estava no quartel, era o sonho dele, e quando aconteceu a vó do meu filho me ligou de madrugada, achei estranho, nunca me ligaram nessa hora, e então ela falou: Eu quero falar sobre teu filho! Ai nessa hora já veio muita coisa em minha cabeça, ai disse que sofreu um acidente no quartel com arma e a partir dali como se tivesse caído meu chão, chorei bastante e ali começou meu processo de choro, só conseguia chorar e conversar com Deus. Minha igreja me amparou muito, minha

pastora principalmente ficou o tempo todo do meu lado para o que eu precisasse, fui muito acolhida. Quando a dor mais apertou, eu corria orar, me lembro do versículo: há mais sabedoria na casa do luto do que na casa de festa. No processo do luto foi onde eu mais pensei na vida, onde eu pensava: por que eu não fiz diferente... Se não fosse Deus eu não teria força. O que eu achei muito interessante é que no dia do velório eu não conseguia falar com ninguém, eu desabafa só com Deus e as pessoas não falavam nada do meu lado, só me abraçavam, eu me sentia tão acolhida por isso. Muitos pensamentos vieram em minha mente, tentei achar culpados, tentei me culpar, culpar o pai dele, até o próprio filho de repente não estar no lugar certo, mas o que mais aflorava eram os pensamentos de infertilidade, pois com perdi um fruto gerado por mim, parecia que qualquer coisa que eu fosse gerar iria morrer, desde projetos a qualquer coisa até que Deus ministrou uma palavra específica em meu coração sobre propósito, onde escrevi uma canção, sou compositora, e ela diz assim “Eis – me aqui outra vez, há clamar, toca-me, queima em mim com o fogo da Tua presença” Eu não fiz esforço pra esquecer, eu lembrava e queria lembrar, não queria me ocupar com outra coisa pra distrair, queria viver intensamente todos os momentos de desabafo e de dor, pra hoje poder estar aqui falando para outras pessoas que passaram ou estão passando que com Deus enfrentamos essa dor de outra forma.”

. A P5 suas reações mais recorrentes foram choro e choque, conforme menciona em sua fala, se via como se estivesse em um buraco, sem chão.

“ Foi minha cunhada que me deu a notícia e eu estava grávida, na hora foi como se tivesse tirado o meu chão, não acreditei que aquilo tivesse acontecendo, foi muito inesperado. Passei muitos dias chorando e orando, sonhava com ele, ao mesmo tempo que eu tinha que dar consolo para as minhas duas filhas eu tinha que chorar também. Foi 1 ano de sofrimento, foi só Deus mesmo que me acalentou, a oração era minha única ferramenta. Hoje eu conto aliviada, sem aquela dor.”

Todos esses sentimentos são decorrentes de fases que conforme Kübler (2005) passamos em meio ao processo de luto.

De acordo com Kübler (2005) ocorrem cinco estágios no processo de luto. No primeiro estágio, quando inicia-se tudo, a negação e o isolamento, uma recusa a confrontar-se com a situação, a inconformação e citam frases como: “não acredito que eu não vou mais te ver”, ou, “eu não aceito perder você”.

O segundo estágio refere-se a raiva, é o momento em que as pessoas colocam para fora a revolta interior que estão sentindo, seus pensamentos. Neste caso, tornam-se por vezes agressivos. Ficam desesperados pela busca de achar o culpado e também citam frases como: “Por que ele? ”, “por que o médico não descobriu a tempo? ”, “onde estava Deus quando isso aconteceu? ”, reagem esses atos com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda (KÜBLER, 2005) Nesse estágio, a P4 demonstrou na entrevista que passou a maior parte do tempo, por ter perdido o filho, sentimentos intensos de culpa.

O terceiro estágio denomina-se como barganha (e/ou negociação) , é uma tentativa, de negociar ou adiar os temores diante da situação, criando um cenário como se o ente querido ainda tivesse presente. Acontece nessa fase também os pensamentos de como faria diferente se a pessoa ainda tivesse viva, ou as possibilidades que teria de evitar a morte naquele momento (KÜBLER, 2005).

Seguindo as etapas do processo de luto de acordo com Kubler (2005) chegamos no quarto estágio, a fase da depressão. Nessa fase acontece o distanciamento das pessoas, a solidão é mais constante, pode ocorrer alterações no sono e apetite, é uma fase mais profunda do luto, é quando as pessoas ficam quietas, repensando e processando o que a vida fez com elas e o que elas fizeram da vida delas, é a frase do senso comum “está caindo a ficha”. A P2 mostrou-se na entrevista, que em muitos momentos no seu processo de luto sentiu-se só e buscou a solidão, sentimentos estes mais decorrentes desta fase.

Para finalizar, o último estágio é o de aceitação. Nesta fase as pessoas encontram-se mais serenas frente ao fato da morte e conseguem pensar mais no futuro, no enfrentamento sem o ente querido. Não significa ser o momento feliz, ainda estão presentes a tristeza, saudades, dor, porém com outra perspectiva. Por isso que se uma pessoa ficar presa em um desses cinco estágios por muito tempo mais difícil será a aceitação e o processo de resiliência do luto (KÜBLER, 2005).

A P4 relata que após a perda do filho se sentiu infrutífera, que não conseguia produzir mais nada, onde parece que tudo morria. Segundo Freud, (1917, cit. por Hagman, 1996), no seu livro “Mourning and Melancholia”, defende que

quando se perde um significativo, a energia libidinal da pessoa é dominada por pensamentos e memórias acerca do objeto perdido. O sobrevivente não consegue desenvolver novos relacionamentos até que este laço se quebre, permitindo que a energia libidinal seja transferida para um novo objeto. Esta transferência da libido é motivada por um impulso para reduzir a ativação emocional e fisiológica associada à perda. Para Freud, o sobrevivente torna-se hostil e deprimido quando essa energia não é transferida facilmente. São identificados alguns sintomas semelhantes à melancolia, como dor profunda, falta de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar e inibição geral da atividade. Quando o processo de luto está completo, o ego está livre e pronto para investir noutra relação.

Todos os entrevistados relataram tristeza e choro em seu processo de luto.

6.2.3 Fé e espiritualidade como mecanismo de resiliência no processo de luto familiar

Todos os entrevistados relataram que a fé, a espiritualidade, a oração, a crença em Deus é um grande mecanismo que ajuda a lidar com a perda, onde encontraram forças para passar pelo processo de luto.

Durante o momento da perda e também no processo do luto, acredita-se que o apoio espiritual é bastante positivo no tocante a amparar os enlutados, fazendo com que se sintam capazes de ressignificar a vida após grande sofrimento. Um espaço onde o enlutado possa demonstrar sua dor e receber apoio espiritual, palavras de encorajamento é de grande valia no decorrer deste processo. A fé vive dentro e amplia a visão. (MAUTONI e ALMEIDA, 2015, p.162)

Dutra, Preis, Caetano, Santos e Lessa (2018) compreendem que os familiares buscam ajuda através da fé (no contexto religioso) para amenizar o sofrimento, sendo uma forte aliada no processo de reconstrução da sua vida, encontrando dessa forma alívio.

“ A palavra de Deus foi o que mais me ajudou no luto, mesmo sem muitas vezes não entender as coisas, ali foi meu alicerce, meu apoio, minha fé me ajudou a entender que a morte faz parte e Deus é o dono da vida! Não tinham palavras pra me consolar na hora do luto mas a fé e a conexão com Deus me consolaram, não

“tinha estudo suficiente pra me confortar, mas o Espírito de Deus me confortou.” (P1)

“Deus e as pessoas que tinham a mesma crença que eu foi o que me ajudou a passar pelo luto. Deus foi o meu refúgio, onde me apeguei, busquei força. A fé me ajudou a transformar o choro em alegria.” (P2)

“ O que mais me ajudou a passar pelo luto foi a decisão que tomei há anos atrás, entregar a vida pra Cristo, ainda mais do jeito que perdi meu pai, se eu não tivesse a fé talvez reproduziria a mesma coisa” (P3)

“A oração foi o meu alicerce nos dias de luto, foram os dias que mais me conectei com Deus e fui sincera, onde encontrei forças pra continuar. Só o fato da certeza que Deus estava e está comigo consegui passar pelo luto, por que se não enfrentaria de outra forma e estaria lá ainda, eu sozinha não conseguiria” (P4)

“ A oração e a presença de Deus, não tem outra explicação!” (P5)

Os entrevistados mencionam que a fé e a espiritualidade foram e são mecanismos de extrema importância para atravessar o processo e superação do luto.

P fister em uma das suas cartas com Freud relatou: quem trabalha para aliviar os sofrimentos humanos trabalha em favor do reino de Deus, segundo ele. Conforme Pfister (2003, p. 18) em uma religiosidade evoluída, o amor supera a culpa.

De acordo com a resposta dos entrevistados, a superação do luto trás vida e um novo olhar.

“A superação do luto pra mim representa o sol da justiça, o brilho da manhã, um dia aberto” (P1)

“A superação do luto pra mim representa Um desenho bem colorido, como se tivesse aberto a gaiola, onde pode ver as flores novamente” (P2)

“A superação do luto pra mim representa uma tempestade que nutre os componentes da terra, em seguida de um sol” (P3)

“A superação do luto pra mim representa o nascimento dos frutos” (P4)

“A superação do luto pra mim representa um campo com um gramado bem lindo” (P5)

Conforme Kübler (2005) a aceitação é o último estágio da fase do processo de luto. Nesta fase as pessoas encontram-se mais serenas frente ao fato da morte e conseguem pensar mais no futuro, no enfrentamento sem o ente querido. Não significa ser o momento feliz, ainda estão presentes a tristeza, saudades, dor, porém com outra perspectiva.

Conforme Benites (2017) a espiritualidade é universal e não se restringe a uma religião propriamente dita, cultura ou determinado grupo de pessoas, mas envolve valores pessoais e íntimos, constituindo-se naquilo que dá sentido à vida e que promove o crescimento pessoal e a reflexão acerca das experiências vividas. Para Kovács (2007), a espiritualidade possibilita a contemplação e a reflexão das experiências existenciais, além de nortear a busca do sentido da vida.

Para os entrevistados a espiritualidade é a conexão com Deus, conforme foram as respostas:

“ É estar com meu espírito em conexão com o Espírito de Deus, é a força do Espírito Santo que está dentro de mim!” (P1)

“Coisas espirituais, saber que tem o bem e o mal. Saber que temos corpo, alma e espírito. Não vemos mas existe.” (P2)

“ é viver no dia a dia, ter uma crença e uma fidelidade com Deus” (P3)

“ É o propósito da vida, é a ligação com Deus” (P4)

“ Ver o sobrenatural, sentir a presença de Deus” (P5)

Para Vaillant (2010) a espiritualidade é como o amálgama de emoções positivas que nos une aos outros seres humanos e à nossa experiência com o

divino, como quer que o concebamos, ela tem uma profunda base psicobiológica, uma realidade arraigada nas emoções humanas positivas. Amor, esperança, alegria, perdão, compaixão, fé, reverência e gratidão, são as emoções positivas espiritualmente importantes.

Os entrevistados mencionaram a conexão divina, conexão transcendente, o fato espiritual. Boff (2001) evidencia o conceito de espiritualidade como a experiência do contato com a dimensão que vai além das realidades normais da vida humana. Esta, então, seria a arte e o saber de tornar o viver orientado e impregnado pela vivência da transcendência, onde o entendimento de transcendência é difundido por muitas tradições religiosas, filosóficas e muitas vezes confundido com algo fora da realidade concreta. Algo divino, tremendo, fora do mundo material.

Labate e Farinasso (2012) concluíram que a religião e a espiritualidade possuem um papel positivo na elaboração do luto, permitindo ao enlutado um redirecionamento frente a dor. A espiritualidade revelou-se como um indicador de resiliência e que a fé funciona como um “combustível” para que a perda do ente querido seja superada. A vivência do luto proporciona uma aproximação com Deus, buscando forças para lidar com a perda e com o sentimento de impotência.

A experiência de perder alguém querido parece ser uma grande mola propulsora para a busca da espiritualidade, em sentido de fé. O sofrimento faz com que as pessoas busquem algo a mais para se confortar, é preciso se agarrar a algo maior e mais poderoso para conseguir reunir forças para continuar vivendo. Durante o momento da perda e também no processo do luto, acredita-se que o apoio espiritual é bastante positivo no tocante a amparar os enlutados, fazendo com que se sintam capazes de ressignificar a vida após grande sofrimento. A crença em Deus é uma grande base de apoio. Um espaço onde o enlutado possa demonstrar sua dor e receber apoio espiritual, palavras de encorajamento é de grande valia no decorrer deste processo. A fé vive dentro e amplia a visão. (MAUTONI e ALMEIDA, 2015, p.162)

Os entrevistados mencionam a fé como algo que não pode ser visto, mas sentido, a certeza de continuar. A fé pronuncia a respeito dos significados que tem a vida, o sentido dela, o porquê de muitas coisas, o significado e o sentido do mundo. É o que nos dá energia para agir (GIOVANETTI, 2015).

A fé é a adoção de uma atitude que se estrutura a partir de uma vontade inicial de crer, de acreditar no outro. Destaca-se que a experiência de fé lança uma nova luz sobre várias questões da vida das quais podemos destacar a dor, a frustração, o amor, a interação humana e a morte (GIOVANETTI, 2015).

Segundo Dessen, Domingues e Queiroz (2015) recorrer a espiritualidade através da fé traz conforto, ajuda os familiares a lidar com a morte e favorece a construção de um sentido para sua experiência, também ressaltam que as estratégias de enfrentamento focalizadas na fé facilitam o confronto com as mudanças e cooperam para a reordenação das prioridades e dos valores dos membros da família.

P1, P4 e P5 trazem em suas falas sobre a fé, a certeza mesmo sem ver:

“É acreditar sem duvidar, cuidar dos meus pensamentos. Acreditar que Deus nos ama apesar de toda dor que nós sentimos, que não estamos sozinhas.” (P1)

“ É a certeza daquilo que tu não vê, mas acredita” (P4)

“ Ter certeza daquilo que tu não vê” (P5)

Pode – se mencionar também pela fala dos entrevistados o mesmo embasamento que se tem nas sagradas escrituras, em Hebreus 11:1: “[...] Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos [...]”

A fé se refere aquilo que efetivamente anima a vida de uma pessoa ou lhe dá um sentido, a certeza. É a ideologia daquilo que a orienta na prática em suas decisões sociais e representa como uma estratégia para realizar aquele sentido. Só faço psicologia verdadeiramente humana se reconstruo essas relações, olhando seus dois pólos, e o significado que têm para a pessoa (AMATUZZI, 2003)

A fé ajuda a ressignificar a adversidade dentro de uma perspectiva positiva de transcendência e espiritualidade. Ser resiliente é entender que a sua história teve um rumo diferente mas com superação, criando um novo sentido para vida. Por este motivo, a fé tem grande influência no processo de resiliência.

P2 relata que fé :

“ é aquilo que eu não posso ver, o que não posso ver agora. Um dia estarei na frente do Criador. O que muitas vezes se tem respostas

não precisa de fé, pois estou vendo, mas quando em um momento de desordem e caos, um momento muito triste onde não se tem pra onde olhar, a fé me impulsiona a enxergar de outra maneira.

Colaborando com a fala da P2, Mautoni e Almeida (2015) relata que ter fé é acreditar em algo além do humano, a fé amplia o horizonte do sujeito que sofre, fazendo com que ele consiga pensar e planejar a sua vida tendo como parâmetros situações que vão além de seu entendimento, a fé conforta o interior da pessoa, e que muitas vezes em um processo de luto o enlutado encara a vida com outro aspecto.

P3 menciona que “ *a fé não nos deixa ficar desesperado em meio a crise e tristeza, e nem ficar parado nessa fase*”. Mautoni e Almeida (2015) diz que através da fé, o sujeito consegue criar um sentido e significado para a vida, que lhe dará um impulso para a continuidade da vida após uma profunda tristeza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa, conclui-se que a fé contribui significativamente no processo de resiliência do luto familiar. Luto é um processo que se desencadeia a partir da perda de algo significativo ou alguém amado. Apesar de doloroso, porque inclui a percepção da perda, o luto é um processo que visa representar e acomodar esta perda, portanto, um processo necessário. O luto mobiliza profundamente o sujeito porque rompe laços afetivos construídos sob o apego. A retirada da figura de apego afeta estruturas psicológicas, podendo abalar a segurança no sujeito enlutado e demais aspectos psíquicos (BOWLBY, 1997).

O processo de luto trás consigo fases a serem vividas. Ter um novo olhar é de extrema importância em situações que tragam frustrações, tristezas e entre outros sintomas. A espiritualidade, a fé e a religiosidade tem sido reconhecidas como fatores de saúde mental justamente porque ajudam a pessoa a transcender, a enxergar além da adversidade.

Giovanetti (2015) diz que a fé é a adoção de uma atitude que se estrutura a partir de uma vontade inicial de crer, de acreditar no outro, de acreditar em Deus. Destaca-se que a experiência de fé lança uma nova luz sobre várias questões da vida das quais podemos destacar a dor, a frustração, o amor, a interação humana e a morte.

Conforme Mautoni e Almeida (2015) a experiência de perder alguém querido parece ser uma grande mola propulsora para a busca da espiritualidade. O sofrimento faz com que as pessoas busquem algo a mais para se confortar, é preciso se agarrar a algo maior e mais poderoso para conseguir reunir forças para continuar vivendo.

Durante o momento da perda e também no processo do luto, o apoio espiritual é bastante positivo no tocante a amparar os enlutados, fazendo com que se sintam capazes de ressignificar a vida após grande sofrimento. Um espaço onde o enlutado possa demonstrar sua dor e receber apoio espiritual, palavras de encorajamento é de grande valia no decorrer deste processo. A fé vive dentro e amplia a visão.

De todas as experiências de vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família, como sistema, e para cada um dos seus membros, individualmente. A morte de um membro da família rompe o equilíbrio familiar e vem a necessidade de surgirem novos mecanismos para estabilizar a organização da mesma (SHAPIRO, 1994).

Para superação do luto familiar é de extrema importância trabalhar a resiliência que é a capacidade para se recuperar das adversidades, superar traumas e sofrimentos e conseguir dar um novo sentido para a vida, apesar da dor. A fé e a espiritualidade contribuem muito neste processo, visto que no engajamento do luto torna-se como apoio pra superação. Leva-se em consideração que cada pessoa tem um enfrentamento diferente sobre as situações.

A resiliência através da fé traz em seus aspectos a capacidade de reencontrar novos motivos para viver, se readaptar à vida, mesmo tendo passado por nível altíssimo de sofrimento. Recorrer a Deus dá sustentação para encarar uma nova vida após o luto.

O TCC foi de grande valia na vida da acadêmica, visto que encontrou na prática e em teorias um embasamento de que a fé é um grande mecanismo e combustível para ajudar no processo de luto, sendo que a mesma já passou por perda familiar e foi na fé que encontrou esperança para continuar.

Espiritualidade (fé) e religiosidade são assuntos que tem emergido de grande necessidade de pesquisa, e tem se encontrado com a ciência, porém, precisa-se de muito mais pesquisas neste ramo.

REFERÊNCIA

ALEXANDRA BARBOSA RAMOS, Vera. **O processo de luto.** 2016. Artigo. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. **Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto.** 2014. Artigo. Universidade Federal de Juiz de Fora Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-1-7.pdf>>. Acesso em: 17 de Outubro de 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BENITES, Andréa Carolina. **Significados da espiritualidade para pacientes com câncer em cuidados paliativos.** 2017. Artigo. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2017000200269&lang=pt>. Acesso em: 25 de Junho de 2020

CARVALHO, Cátia Daniela Rodrigues. **Luto e religiosidade.** 2006. Artigo. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0059.pdf>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

DOMINGUES, Daniela, DESSEN, Maria. **Luto e enfrentamento em famílias vitimadas por homicídio.** 2015. Artigo. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200006>. Acesso em: 17 de Outubro de 2019.

DUTRA, Cassiane. PREIS, Lucas Correa. **Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação.** 2018. Artigo. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672018001102146&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 de Outubro de 2019.

FARINASSO, Adriano Luiz da Costa, LABATE, Renata Curi. **Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas.** 2012. Artigo. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v14/n3/pdf/v14n3a15.pdf>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano.** 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KÜBLER-Ross, E. (2005). **Sobre a morte e o morrer** (Paulo Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto, ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. **O luto pela morte do filho, espiritualidade e resiliência psicológica.** 2015. CES REVISTA 29.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa . **O processo de luto.** 2016. Artigo. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>>. Acesso em: 16 de Agosto de 2019.

SANTOS, Fábio Pereira. **Luto na família.** 2016. Artigo. Disponível em: <http://www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a113.pdf>. Acesso em: 01 de Novembro de 2019

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J. ; MACHADO, Nivaldo. **Resiliência: em busca de um conceito.** 2006. Artigo. Universidade do Vale do Itajaí. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012>. Acesso em: 01 de Novembro de 2019

VERAS, Renata Meira. **A maternidade prematura: o suporte emocional através da fé e religiosidade,** 2010. Artigo. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722010000200011&lang=pt7>. Acesso em: 25 de Outubro de 2019.

WAINER, Ricardo, BASSO, Lissia Ana. **Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental.** 2011. Artigo. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007>. Acesso em: Acesso em: 25 de Outubro de 2019.

APENDICE

APENDICE A

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: ___/___/___.

I – PERFIL DO PARTICIPANTE

1. Identificação (codinome):_____.
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Gênero:
4. Idade: () 21 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos () 51 a 60
5. Estado Civil:
6. Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Técnico ()
Graduação () Pós-graduação
7. Religião: () Católica () Evangélica () Espírita () outra
8. Já foi de outra religião? Se sim, qual?

II – ENTREVISTA

9. Pode comentar sobre a (s) perda (s) mais marcantes para você?
10. Grau de parentesco do ente querido?
11. Se fosse descrever, fazer um desenho sobre o que é o luto que desenho faria?
12. Como foi o seu processo de luto?
13. Se pudesse fazer um desenho que represente a superação da perda que
desenho faria?
14. O que mais lhe ajudou a lidar com está perda?
15. O que é espiritualidade para você?
16. O que representa a fé para você?
17. Você acredita que a fé e a espiritualidade influenciam no luto?

18. Gostaria de contribuir com a pesquisa apresentando mais alguma questão em relação ao tema?



CEP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

APÊNDICE B

Título da Pesquisa: Luto, Religiosidade e Espiritualidade: A resiliência através da fé no processo de luto familiar

Objetivo: Compreender como a fé, no contexto religiosidade/espiritualidade, contribui no processo de resiliência no luto pela perda de entes queridos

Período da coleta de dados: 27/03/2020 até 27/04/2020

Tempo estimado para cada coleta: 60 minutos

Local da coleta: O local de entrevista será a residência da entrevistada combinado previamente com a mesma.

Pesquisador/Orientador: Prof^a Mestra Fernanda De Souza Fernandes

Telefone: (48 996091280).

Pesquisador/Acadêmico: Caroline Pereira Fernandes
10^a fase do Curso de Psicologia da UNESC

Telefone: (48 996177950)

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado(a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.



CEP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA

A entrevista será composta por duas partes. A primeira parte irá conter perguntas predominantemente fechadas, relacionadas ao perfil da participante. Posteriormente, na segunda parte, haverá perguntas abertas que visam alcançar respostas para o objetivo proposto. O local de entrevista será a residência da entrevistada, garantindo o sigilo das informações.

RISCOS

O sigilo das informações será assegurado com as entrevistas sendo realizadas em locais reservados de preferência dos participantes. O anonimato dos entrevistados também será garantido, por meio de um código alfanumérico composto pelas letras P seguido de um número cardinal que expressa a numeração da entrevista e a rede associativa, exemplo: P1, P2, etc. A presente pesquisa não



CEP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

acarretará riscos físicos aos entrevistados, porém, pela natureza interacional inerente as entrevistas, poderá ocasionar riscos, relacionados a emoções que possam emergir no tocante a lembranças de situações vivenciadas pela participante. Entretanto, será reforçado ao participante a possibilidade de desistência da entrevista a qualquer momento em caso de constrangimento ou qualquer desconforto, também será disponibilizado a clínica de psicologia da Unesc para a participante procurar se necessário.

BENEFÍCIOS

Os benefícios desta pesquisa destinam-se a colaborar para que melhor se compreenda, a influência e ajuda da fé no processo de resiliência do luto familiar.

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(à) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) CAROLINE PEREIRA FERNANDES pelo telefone (48) 9 99617 7950 e/ou pelo e-mail carolinelivros@hotmail.com



CEP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
Voluntário(a)/Participante	Pesquisador(a) Responsável
<hr/>	<hr/>
Assinatura	Assinatura
Nome:	Nome: Fernanda de Souza Fernandes
<hr/>	CPF: 003403659-86
CPF: _____._____._____ - ____	

Criciúma - SC, ____ de _____ de 20__.